



8 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 28 de outubro de 2024

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,13% São Paulo	130.361	R\$ 5,705 (+ 0,75%)	R\$ 1.412	R\$ 6,159	10,65%	10,97%	Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44
0,61% Nova York	22/10 23/10 24/10 25/10	Últimos					
		21/outubro 5,690					
		22/outubro 5,697					
		23/outubro 5,692					
		24/outubro 5,662					

MERCADO FINANCEIRO / Após fechar a semana passada em R\$ 5,70, analistas apostam que moeda norte-americana caminha mais facilmente para R\$ 6 do que voltará para patamares do início do ano, principalmente, devido às incertezas fiscais

Dólar em nova escalada

» RAPHAEL PATI

Após acumular alta de 17,61% no ano frente ao real até a última sexta-feira, quando fechou o pregão cotado a R\$ 5,705, o dólar segue em tendência de valorização. De acordo com especialistas, a divisa norte-americana está mais perto de atingir R\$ 6 do que retornar ao patamar de R\$ 5, como observado no início do ano. Eles indicam que, apesar de fatores externos, como as eleições norte-americanas e a recessão na China, terem influência nesse resultado, a maior parcela de “responsabilidade” pela alta do dólar é aos conflitos internos entre as políticas fiscal e monetária do país.

Uma sequência de quedas mais lentas na taxa de juros norte-americana pode ser benéfica para o Brasil, para evitar uma fuga intensa de investimentos a curto prazo. Na última reunião, em setembro, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central brasileiro, decidiu aumentar a taxa básica da economia (Selic) em 0,25 pontos percentuais, para 10,75% ao ano, em um movimento contrário aos Estados Unidos. Um dos principais objetivos é justamente evitar uma depreciação ainda maior do real em relação ao dólar.

Apesar dos fatores externos contribuírem para a alta da moeda

norte-americana, a análise recorrente feita pelos especialistas é que os fatores internos, como o aumento da dívida pública, a expansão de despesas obrigatórias e a guerra entre governo e BC, foram decisivos para uma valorização ainda maior do dólar no mercado interno. “O crescimento das despesas obrigatórias dificulta ainda mais a execução orçamentária, já com um orçamento extremamente engessado como a gente tem”, considera o economista senior da Tendências Consultoria Silvio Campos Neto.

Mesmo com o objetivo de déficit zero para 2024 e 2025, as projeções mais recentes mostram que o governo não deve conseguir controlar a diferença entre as receitas e despesas nos próximos dois anos. Com o aumento de gastos em diversas áreas, a equipe econômica deve encontrar alternativas para diminuir as despesas e não focar apenas no aumento de receitas, que tem sido o foco da gestão do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, desde o início do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O chefe da pasta evitou adiantar uma nova medida de corte de gastos neste ano, durante a viagem que fez a Washington, na semana passada. Apesar disso, o tema não deve ficar de fora do radar de Haddad, visto que ele

Rafael Neddermeyer/Fotos Públicas



No ano, divisa dos EUA acumula alta superior a 17% frente ao real

adiantou na mesma viagem que irá se reunir com Lula e outros ministros a partir desta semana.

Durante o encontro nos EUA, Haddad evitou falar sobre as críticas em relação ao controle fiscal e saiu em defesa do marco fiscal. Ao lado do presidente do BC, Roberto Campos Neto, o ministro reforçou que o governo deve

repensar uma “estratégia para fortalecer o arcabouço”. No entanto, para o economista da XP Investimentos Francisco Nobre, a regra fiscal perdeu relevância nos últimos meses, com o aumento dos gastos. “A maior parte da desvalorização que a gente acompanhou no câmbio ao longo do ano foi reagindo um pouco

a essas preocupações fiscais e políticas e a gente considera que hoje existe um prêmio de risco adicional aqui para o Brasil que está sendo refletido no câmbio de hoje”, comenta o especialista. Ele acredita em um dólar mais próximo de R\$ 6 do que próximo a R\$ 5 a curto prazo.

“A nossa projeção para o dólar no do ano é de R\$ 5,40, para este ano e para o ano que vem, porque fica um pouco no meio do caminho entre o que os fundamentos apontam e o valor da moeda hoje. Mas parece que os riscos atualmente estão inclinados para cima, e é provável que, se a gente for errar a nossa projeção, que seja para cima e não para baixo”, analisa.

Emergentes

Além do real, outras moedas emergentes também acumulam perdas neste ano, como é o caso dos pesos mexicano e colombiano e do won sul-coreano. Esse movimento pode ser um reflexo de um período de alta sensibilidade dos mercados financeiros, na avaliação do economista-chefe da Nomad, Danilo Iglori, que argumenta que essas pressões são percebidas “a cada divulgação de indicadores, comentários de autoridades e eventos de diversas naturezas”.

“De forma geral, isso vem ocorrendo desde o ano passado, quando muitos apostaram no surgimento de recessões como consequência das elevações de juros e elas não ocorreram. O contexto é particularmente complexo em função do alto grau de incerteza nos cenários doméstico e internacional e pela diversidade dos fatores que compõem os balanços de riscos sobre a oferta e demanda por moedas”, considera.

Ao mesmo tempo em que o dólar se valorizou frente ao real, o Índice DXY, que mede a força da moeda norte-americana em relação às principais divisas do mundo, acumulou alta de 2,86% desde o primeiro dia deste ano. O avanço, no entanto, é bem inferior ao avanço de mais de 17% do câmbio com a moeda brasileira, o que indica que as incertezas em relação ao cenário doméstico são mais fortes do que os fatores externos. “De forma geral, moedas de países emergentes vêm sofrendo frente ao dólar ao longo do ano, o que sugere que o espaço para fortalecimento do real tende a ser limitado. Se tudo der certo, poderíamos ver a taxa de câmbio em torno dos R\$ 5,40, mas existem riscos de pioras adicionais e a chance de ultrapassar a barreira dos R\$ 6 não pode ser destacada”, ressalta Iglori.

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

De acordo com dados do BC, as estatais apresentaram déficit de R\$ 7,2 bilhões entre janeiro e agosto

Rombo recorde nas estatais é o retrato do atraso brasileiro

Um tema pouco debatido pela sociedade diz respeito ao rombo financeiro das estatais controladas pela União e os estados. Tradicionalmente, os políticos pouco se preocuparam em torná-las mais saudáveis — até porque essas companhias, muitas vezes, são alvo de aparelhamento e uso pouco republicano —, mas agora a situação piorou de vez. De acordo com dados apurados pelo Banco Central, as estatais apresentaram déficit de R\$ 7,2 bilhões entre janeiro e agosto de 2024. É o maior desde o início da série histórica, em 2002. A responsabilidade é de todos os entes públicos. As empresas sob controle dos estados perderam R\$ 3,4 bilhões no período, enquanto o rombo nas federais foi de R\$ 3,8 bilhões. Nos dois casos, portanto, são danos inadmissíveis que deveriam receber um olhar mais atento das autoridades. Obviamente, os déficits afetam diretamente as contas públicas e, num sentido mais amplo, comprometem o próprio crescimento econômico.

Rafa Neddermeyer/Agência Brasil



RAPIDINHAS

» A Petrobras vai investir R\$ 60 milhões para mapear o potencial de geração de energia eólica offshore no Brasil. Segundo a empresa, o dinheiro será gasto na instalação de boias de medição de ventos no mar, um sistema conhecido como Bravo (Boia Remota de Avaliação de Ventos Offshore). Os aparatos serão lançados em dezembro.

» A montadora alemã Volkswagen poderá encerrar o ano sem cumprir a meta de cortar, em suas operações pelo mundo, 10 bilhões de euros em custos. Faltam 3 bilhões de euros para a Volks alcançar o objetivo. Recentemente, a empresa perdeu a liderança na China, um de seus principais mercados, para a fabricante local BYD.

» Em 2024, o Ministério da Agricultura e Pecuária emitiu 48 autos de infração contra empresas acusadas de adulterar azeite de oliva. Na maioria dos casos, elas misturam óleos vegetais de origem desconhecida ao produto original. Até agora, 29 marcas foram tiradas de circulação — a lista está no site do ministério.

» Os fundos de investimentos imobiliários (FIs) caíram no gosto dos brasileiros. Segundo a B3, a bolsa de São Paulo, atualmente 2,7 milhões de investidores são adeptos da modalidade. Há uma década, eram 93 mil. Uma das razões para o avanço é o fato de os FIs pagarem proventos mensais, além do ganho de capital gerado pela valorização das cotas.



Brasil está entre os maiores poluidores dos oceanos

O Brasil está entre os líderes de um triste ranking: os maiores poluidores dos oceanos. Um relatório da ONG Oceana mostrou que, todos os anos, o país despeja 1,3 milhão de toneladas de plásticos nos mares, o que o coloca em oitavo lugar na lista que traz números de 50 nações. Apesar das campanhas de reciclagem e de projetos sérios desenvolvidos por empresas de diversos setores, o quadro brasileiro permanece alarmante. Estima-se que um terço do plástico produzido por aqui chegue aos oceanos.

Recuperações judiciais disparam entre pessoas físicas do agro

Não é apenas o avanço dos pedidos de recuperação judicial por pessoas jurídicas do agro que preocupa o setor. Entre as pessoas físicas, o movimento também está em ascensão. Um estudo feito pela Serasa Experian revelou que, no segundo trimestre, o recurso foi procurado por 214 produtores que trabalham como pessoas físicas — trata-se de um avanço surpreendente de 98% em relação ao trimestre anterior. Fatores como o aumento da taxa de juros e a queda do preço das commodities explicam o fenômeno.

Jovens já não sonham mais em ter carro

As montadoras têm um desafio pela frente: conquistar os jovens. Se até pouco tempo atrás os carros representavam objetos de desejo, agora o cenário mudou. Uma pesquisa da Data OLY Autos mostrou que seis em cada dez pessoas entre 18 e 28 anos que navegaram na plataforma em julho não têm automóvel. Para efeito de comparação, entre o público de 29 a 40 anos, 75% declararam possuir um veículo. Condições econômicas, claro, também pesam, mas é inegável que a juventude não liga tanto para carros.

0,3%

é quanto as bets deverão subtrair do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2024, segundo cálculo do banco Santander. Os setores mais afetados são aqueles ligados aos consumo popular

Reprodução



A reforma administrativa é mais um passo importante para estabilizar as contas públicas e obter uma redução sustentável da Selic"

Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central